

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Av. Dom José Gaspar, 500
Coração Eucarístico, Belo Horizonte – MG – CEP 30.535-901
PROBIC – 2020/25580

**OS IMPACTOS DO USO ABUSIVO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA
SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS**

Belo Horizonte

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Natália Cristina Correa Carvalho

Thamires Aparecida Rodrigues Saraiva

**OS IMPACTOS DO USO ABUSIVO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA
SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS**

Belo Horizonte

2021

Sumário

1. Introdução	05
2. Fundamentação teórica	06
2.1. O conceito de infância.....	06
2.2. A infância no Brasil	10
2.3. O brincar e as brincadeiras	14
2.4. As novas tecnologias	15
2.5. A socialização	17
2.6. Os possíveis impactos na socialização	22
3. Análise de Conteúdo	24
3.1. Análise do conteúdo	24
3.2. Pré-análise.....	25
3.3. Exploração do Material	25
3.4. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.....	26
4. Análise das Entrevistas	26
4.1. Dependência das tecnologias.....	26
4.2. O desenvolvimento humano e a habilidade de concentração das crianças	29
4.3. Dificuldade de interação.....	33
4.4. Frustração e imediatismo.....	35
4.5. Capacidade simbólica e o brincar	38
5. Considerações Finais	41
6. Participantes	42
7. Referências	43
8. Apêndice	45
8.1. Termo de consentimento livre e esclarecido	45
8.2. Roteiro de Entrevista.....	48

RESUMO

Esta pesquisa investigou de que modo o uso abusivo das novas tecnologias de informação poderiam causar impactos na socialização das crianças pequenas. Foram levantadas as hipóteses de que: será que os pais estariam sendo facilitadores da inserção dessas crianças no mundo da tecnologia de informação de uma forma abusiva? E será que esse uso abusivo pode afetar a forma como essa criança vai estabelecer suas relações sociais? Como meio de encontrar as respostas para essas hipóteses, utilizamos de referências teóricas que abordam o tema socialização, infância e novas tecnologias. A pesquisa foi realizada através da metodologia de entrevista com professoras da educação infantil. Para o tratamento dos dados foi utilizada a análise de conteúdo das entrevistas. Percebeu-se que a utilização das novas tecnologias de informação de uma forma abusiva pode impactar negativamente na habilidade de concentração, interação, na construção da subjetividade e na socialização da criança pequena. Além disso, a influência dos pais na utilização destas tecnologias de uma forma abusiva, pode dizer de uma dependência tecnológica tanto por parte das crianças como por parte dos adultos.

Palavra-chave: Criança, tecnologia, socialização, impactos, pais, família, sociedade.

ABSTRACT

This research investigated how the abusive use of new information technologies could have an impact on the socialization of young children. The hypotheses were raised that: are the parents facilitating the insertion of these children in the world of information technology in an abusive way? And can this abusive use affect how this child will establish his social relationships? As a means of finding the answers to these hypotheses, we use theoretical references that address the theme of socialization, childhood and new technologies. The research was carried out through the methodology of interview with teachers of early childhood education. For the treatment of the data, the content analysis of the interviews was used. It was noticed that the use of new information technologies in an abusive way can negatively impact the ability of concentration, interaction, the construction of subjectivity and socialization of young children. In addition, the influence of parents in the use of these technologies in an abusive way, can say of a technological dependence on the part of both children and adults.

Keyword: Child, technology, socialization, impacts, parents, family, society

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática pesquisar os possíveis impactos que as novas tecnologias podem causar na socialização da criança pequena, já que, vai ser durante o período da infância que a criança constituirá a sua subjetividade e conseguirá estabelecer relações sociais com seus pares e demais. Esse processo de constituição só será possível através da interação e da socialização com o meio em que se vive, pois ele vai permitir que a criança compreenda a cultura que ela está inserida.

Sem sombra de dúvidas, o grande avanço das tecnologias trouxe para a sociedade a comodidade que em outrora seriam impensáveis, tais como, fazer compras *online*, pagar faturas no *smartphone*, acessar a conta do banco sem sair de casa, entre outros. As tecnologias fazem parte do cotidiano social, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, 79,1% dos domicílios brasileiros utilizavam da internet.

Com as crianças não seria diferente, já que elas são sujeitos que nasceram na era digital. Os pais têm grande influência na utilização das tecnologias, já que os mesmos utilizam desse aparelho cotidianamente e por vezes, acabam incentivando que as crianças façam o uso dessas tecnologias como uma forma de distração ou de aquietação.

Já que os pais acabam inserindo os filhos neste mundo de tecnologia quando entregam a estes os aparelhos, seria possível então afirmar que estes pais são os facilitadores no impacto positivo e/ou negativo na utilização das novas tecnologias pelas crianças? E diante disto, surge outro questionamento, essas exposições às novas tecnologias podem ser prejudiciais para a socialização das crianças pequenas?

Por base nestes questionamentos, buscamos através desta pesquisa, averiguar os possíveis impactos que o uso abusivo das novas tecnologias pode causar na socialização da criança pequena. Para alcançar esse objetivo, realizamos uma pesquisa se baseando no conceito de infância percorrendo todo o seu histórico e investigando como se desenvolve a socialização infantil. Além disso, pesquisamos sobre o conceito de novas tecnologias e investigamos de que modo as crianças vêm fazendo uso das novas tecnologias. Para que, com isso, seja possível identificar os possíveis impactos positivos e/ou negativos do uso das novas tecnologias pelas crianças pequenas em sua socialização.

Nesta pesquisa utilizamos de uma pesquisa exploratória e nos orientamos em fundamentações teóricas, buscando averiguar se existe uma relação entre o uso abusivo das novas tecnologias e os impactos na socialização das crianças pequenas. Foi utilizada também da pesquisa explicativa, pois além de explorar se existe a influência das novas tecnologias na socialização das crianças, buscamos as explicações para este possível impacto. Utilizamos como referencial teórico autores que se baseiam na Sócio Histórica e na Psicanálise, que nos dará embasamentos para elaboração dessa pesquisa.

Para a pesquisa de campo forma entrevistados quatro docentes que possuem tempo de experiência diversos, sendo duas com 13 anos de atuação, uma com 21 e a outra com 5 anos de vivência na Educação Infantil. Desta forma foi possível entender qual a concepção dos mesmos sobre a influência das novas tecnologias na socialização das crianças, e a partir disso, realizar um comparativo, com base na fala dos professores, sobre como era a socialização das crianças pequenas antigamente e como está essa socialização atualmente.

Os dados coletados nessas entrevistas foram realizados a partir de entrevistas semiestruturadas, e os dados foram tratados e analisados de forma qualitativa, baseando se na análise de conteúdo. Os resultados que foram obtidos por meio das entrevistas forneceram informações que foram relevantes para os resultados da análise. Este material nos forneceu referencial teórico capaz de confrontar nossas hipóteses iniciais, o que serviu de base para novas dimensões teóricas que surgiram no decorrer da pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O conceito de infância

Para compreender melhor as crianças de hoje no Brasil e no mundo, é necessário que façamos uma viagem ao tempo e vejamos como foi o percurso histórico do conceito de infância, como eram vistas, como eram tratadas e qual era seu lugar na sociedade.

No período medieval existia um descaso pelas crianças, em especial as crianças pequenas. Não existia todo este cuidado que hoje temos pelos pequenos, naquela época era

considerado uma perda de tempo investir nessas crianças, já que poderiam morrer facilmente. Em ocasiões que as crianças viessem a morrer, os pais não demonstravam tanto pesar pela perda, tendo em vista que logo este seria substituído por um novo filho. Como apontado por Ariès (1981), “É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.” (ARIÈS, 1981, p.50).

A ideia do sentimento da infância começa a surgir na sociedade ainda na idade média quando passaram a retratar as crianças em pinturas, mesmo que fossem pinturas que expunham as crianças mortas. Podemos ver com esse comportamento que havia um desejo de deixar marcada a imagem da criança. Também passaram a pintar as crianças que estavam vivas, e assim, guardar esta imagem quando as mesmas chegassem à idade adulta.

Algo importante para ressaltar é que as condições demográficas da época continuavam as mesmas, havia grande índice de mortalidade infantil, mas passaram a dar importância para a personalidade da criança como diz Ariès (1981):

Assim, embora as condições demográficas não tenham mudado muito do século XIII ao XVII, embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (ARIÈS, 1981, p.61).

Neste período histórico, a sociedade via a criança como um adulto em miniatura, nas pinturas da época observamos que as crianças se caracterizavam como mini adultos, pois como aponta Ariès (1981), “Até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido.” (ARIÈS, 1981, p.51).

A infância era desconhecida nessa época, como citado por Ariès (1981) “As crianças-prodígio se conduziam com a bravura e a força física dos guerreiros adultos.” (ARIÈS, 1981, p. 52). Ou seja, a imagem da infância não era tratada como algo real para eles, as visões das crianças eram remetidas ao comportamento adulto. Não havia interesse em simbolizar esse momento da criança, pelo contrário, viam a infância como um momento de transição que logo seria esquecido.

Todo esse processo da infância veio em constante evolução, em meados do século XIII, surgiram crianças que se aproximavam do sentimento moderno. Essas crianças foram divididas em três tipos:

O primeiro tipo era as crianças mais ou menos grandes, como explica Ariès (1981), “Era a idade das crianças mais ou menos grandes, que eram educadas para ajudar à missa, e que eram destinadas às ordens, espécies de seminaristas, numa época em que não havia seminários, e em que apenas a escola latina se destinava a formação dos clérigos. ” (ARIÈS, 1981, p.52).

O segundo tipo de crianças eram aquelas tratadas como modelo da história da arte, ou seja, elas eram vistas como semelhantes ao menino Jesus e no caso da menina, era vista como Nossa Senhora, pois estaria ligado ao mistério da maternidade. Foi a partir disso que iniciou a representação da criança por pintura, assemelhada a Jesus, como citado por Ariès (1981):

Na Bíblia Moralizada de São Luís, encontramos cenas de família em que os pais estão cercados por seus filhos, com o mesmo acento de ternura do jubé de Chartres; por exemplo, num retrato da família de Moisés, o marido e a mulher dão as mãos, enquanto as crianças (homenzinhos) que os cercam estendem a mão para mãe. (ARIÈS, 1981, p.53).

Um terceiro tipo de crianças surgiu na fase gótica, que representaria a criança nua. Como se baseavam no menino Jesus, que nunca era representado despido, as crianças na época também eram tratadas da mesma forma. No entanto, as crianças inocentes e mortas já eram retratadas nuas. Como Ariès (1981) explica, “Seria a alegoria da morte e da alma que introduziria no mundo das formas a imagem da nudez infantil. ” (ARIÈS, 1981, p.53).

Assim como o sentimento de infância não era presente na idade média, o sentimento da família também não. A família existia, contudo, o sentimento era algo novo, este sentimento passou a ser retratado em calendários, mostrando o cotidiano das pessoas nas ruas, nos banquetes marcados pelos meses e pelas estações do ano.

Os ofícios também eram representados, podemos perceber uma grande importância dada aos mesmos nas pinturas e calendários davam ênfase ao ofício, como Ariès (1981) diz, “Era como se a vida privada de um homem fosse antes de mais nada seu ofício. ” (ARIÈS, 1981, p.196).

Nas representações sempre estavam presentes os homens e os rapazes, aos poucos foram inseridas as mulheres e crianças. Percebemos que com o passar do tempo foi dada maior visibilidade a estes (crianças), construindo aos poucos, este sentimento da família, como mencionado por Ariès (1981), “As representações sucessivas dos meses do ano introduziram, portanto, essas novas personagens: a mulher, o grupo de vizinhos e companheiros, e finalmente a criança. ” (ARIÈS, 1981, p.199).

A família medieval se transformou profundamente quando mudaram suas relações internas com as crianças, relações estas que nem sempre foram sentimentais. A criança quando chegava por volta dos seus sete anos de idade era mandada para alguma casa para que aprendesse o ofício, e os pais que enviavam também recebiam crianças alheias, assim elas aprendiam na prática o ofício de seu mestre. O serviço doméstico não era visto como algo ruim, na verdade era uma forma de aprender a viver, as crianças estavam sempre em meio aos adultos, se misturando em meio aos ofícios, brincadeiras e jogos.

Independente da classe social essa prática de enviar os filhos a casas alheias era normal, porém, de forma sutil isso foi se transformando, os pais agora deixavam seus filhos em escolas e estavam mais próximos dos mesmos. A aprendizagem que antes era confundida com serviço doméstico, passa a ser mais teórica, deixando de ser reservada somente aos celibatos, todavia, a prática clássica do envio a famílias alheias continuou sendo praticada pelos nobres e camponeses.

A configuração da casa que antes era composta de pais, filhos e criados, passou a ser somente pais e filhos. Os móveis também ganharam novas composições, por exemplo, as camas que deixaram de serem espalhadas pela casa e passaram a ser reservadas a um local específico.

A criança que antes não tinha espaço na família medieval, no século XVII passa a ser uma personagem mais consciente e mais presente. Segundo Ariès (1981), as crianças se tornaram indispensáveis para a vida cotidiana, assim, os pais passaram a se preocupar com a saúde e educação das mesmas e, por consequência, elas passaram a estar cada vez mais no convívio das famílias. Ainda não é como a família moderna, mas já é possível observar uma grande diferença em relação à família medieval.

Com a aproximação dos adultos e das crianças, ocorreram tentativas de desenvolver gradativamente uma socialização com a sociedade, mesmo que, como citado por Ariès (1981) “essas tentativas não nos deve enganar sobre o quanto elas foram raras e tímidas no princípio. ” (ARIÈS, 1981, p. 273).

Até o século XVIII a vida era vivida em público, ou seja, a sociedade exercia um domínio sobre a vida de cada indivíduo. Com isso, não existia intimidade, pelo contrário, as pessoas valorizam mais os momentos em sociedade e cerimônias, que todos poderiam estar presentes, do que momentos mais íntimos. Devido a esse fator, o valor da família era substituído por essa densidade social. Ariès (1981) cita sobre isso quando relata que, “a densidade social não deixava

lugar para a família. Não que a família não existisse como realidade vivida: seria paradoxal contestá-la. Mas ela não existia como sentimento ou como valor.” (ARIÈS, 1981, p. 273).

No entanto, as famílias modernas não vivem a mesma realidade das famílias do século XVIII, na família moderna vê-se a predominância do individualismo. Com isso a família tornou-se uma sociedade fechada onde seus membros optam por se manter dessa forma, com isso o sentimento de família passa a ter mais valor do que a densidade social, como mencionado por Ariès (1981), “não foi o individualismo que triunfou, foi a família.” (ARIÈS, 1981, p. 274).

Este evento só foi possível a partir do momento que a sociabilidade se retraiu. A família moderna passa a valorizar a solidão moral, ou seja, “as pessoas começaram a se defender contra uma sociedade cujo convívio constante até então havia sido a fonte da educação, da reputação e da fortuna” (ARIÈS, 1981, p. 274).

Com base nisso, conclui-se que a vida profissional e familiar tomou o lugar das relações sociais, principalmente para se afastar das pressões impostas pela sociedade que não estavam mais sendo suportadas. Por base nisso, Ariès (1981) concluiu que “o sentimento da família e a sociabilidade não eram compatíveis, e só se podiam desenvolver à custa um do outro” (ARIÈS, 1981, p. 274).

2.2. A infância no Brasil

Assim como no mundo, no Brasil a infância também teve seu período de invisibilidade social, contudo este período passou e o que hoje vemos, em alguns casos, são as crianças como dominadoras dos lares. Se antes essas crianças não opinavam, hoje são quem mandam e desmandam; porém também temos as crianças invisíveis socialmente, que por exemplo, são exploradas com trabalho infantil, pedofilia, etc.

A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA trouxe uma forma de fazer valer os direitos das crianças, mas antes de sua criação temos uma história de abusos e exclusões sociais. Buscamos novamente na história uma luz para que possamos entender por quais caminhos a infância no Brasil passou para que hoje tenhamos a infância tal como ela é.

Partimos do início da infância no Brasil Colônia, quando acontecia a busca dos jesuítas em catequizar as crianças indígenas. No entanto, no mesmo período histórico havia uma preocupação na educação cristã das crianças portuguesas e dos adolescentes, como aponta

Chambouleyron (2010).

As inúmeras fundações de colégios na Europa (foram quarenta em quase vinte anos), abertos também aos estudantes “de fora”, comprovam a importância que a cúpula da companhia passou a devotar à instrução de crianças e adolescentes. Colégios modernos constituíam uma “instituição complexa, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento da juventude.” (CHAMBOULEYRON, 2010, p.31).

Os jesuítas enxergavam as crianças indígenas como um papel em branco, no qual eles poderiam ensinar os preceitos católicos e assim conseguir chegar à catequização dos indígenas adultos, como aponta Chambouleyron (2010), “Mas era principalmente na vida religiosa que os meninos eram preparados para formar a “nova cristandade” sonhada pelos religiosos da Companhia de Jesus. A educação das crianças implicava, assim, uma transformação radical da vida dos jovens índios.” (CHAMBOULEYRON, 2010, p. 34).

Ainda segundo Chambouleyron (2010), os indígenas levavam seus filhos para serem ensinados pelos padres, e estes buscavam uma nova cristandade e viam nas crianças indígenas essa nova geração cristã.

Havia um medo por parte dos religiosos de que as crianças ao chegarem à puberdade se entregassem as luxúrias praticadas pelos adultos. Assim, os padres buscaram, pela autoridade e o temor, a conversão das crianças, adolescente e adultos indígenas. Chama-se a atenção para a diferença quanto ao modo de ser criança no Brasil Colônia e Imperial, pois a infância se dividia em: Crianças livres, as crianças escravas e as crianças da elite.

As crianças livres desde o momento de seu nascimento já eram banhadas em líquidos espirituais, como vinho e cachaça. Acontecia todo um ritual de cuidado, algumas mães optavam por tomar banho junto com seus bebês nos rios. Nessa época os médicos eram rigorosos com a alimentação, “a ênfase no leite era total, não só por ser “mais saudável”, como também “para qualquer doença é extremado remédio à mama da mãe”” (DEL PRIORI apud GUSMÃO, 2010, p.48).

Outra grande preocupação com as crianças pequenas era em relações às bruxas, nessa época havia uma crença de que as bruxas jogavam feitiços nas crianças para que elas morressem. Os próprios médicos da época alertavam as mães sobre o perigo das bruxas e as aconselhavam as munir-se de elementos da igreja, como citado por Del Priore (2010), “Armem-se com os antídotos da Igreja... relíquias, orações, etc. que essas são mais certas e seguras que outras para afugentar os bruxos.” (DEL PRIORE, 2010, p. 49).

No entanto, o que causava a morte das crianças recém-nascidas não eram as bruxas. Havia outro grande fator que poderia ser considerado o ocasionador das mortes infantis na época, sendo estas doenças infantis mais comuns – mal dos sete dias, tinha sarna, impinge, sarampo, bexiga, lombrigas – eram combatidas com remédios de pouquíssima eficácia.

Já as crianças da elite durante o Brasil Império eram consideradas hostis aos olhos dos estrangeiros, pois eles não compreendiam os hábitos tropicais das crianças brasileiras, visto que elas tinham uma influência dos portugueses e da cultura negra.

Com isso, os adultos começaram a elaborar a rotina das crianças e adolescentes, ou seja, “era a rotina do mundo adulto que ordenava o cotidiano infantil e juvenil, por meio de um conjunto de procedimentos e práticas aceitos como socialmente válidos.” (MAUAD, 2010 p. 75).

As mães das crianças brasileiras do período imperial tinham um árduo trabalho até que as crianças completassem a idade de sete anos, pois havia um intervalo pequeno entre um filho e o outro, com isso, se tornou um trabalho exaustivo para as mães que amamentavam e ainda cuidava de outras crianças. Devido a isso, essas tarefas passaram para a mão de obra escrava, ou seja, as mulheres negras se tornavam amas de leite para as crianças brancas.

Com relação às crianças negras e escravas, poucas chegavam até a fase adulta, e aqueles que acabavam escapando da morte prematura, tinham que enfrentar a morte dos pais. Pois, segundo Góes e Florentino (2010) uma entre dez crianças menores de um ano já não haviam pai e mãe, enquanto que aos cinco anos, metade já eram órfãs e aos onze anos, uma em cada dez não tinham pais.

O aprendizado da criança escrava se refletia no preço, o mercado pagava na medida que as habilidades de realizar determinadas tarefas iam sendo desenvolvidas, como aponta Góes e Florentino (2010), “ao iniciar-se no servir, lavar, passar, engomar, remendar roupas, reparar sapatos, trabalhar em madeira, pastorear e mesmo em tarefas próprias do eito, o preço crescia” (GÓES; FLORENTINO, 2010, p. 99). Por base nisso, o valor da criança com sete anos era 60% mais caro que aos quatro anos, e com onze anos era duas vezes mais caro que aos sete.

Os pais das crianças escravas acreditavam que se as crianças fossem mais sábias e impacientes, elas estariam mais preparadas para a vida. Como fora citado por Góes e Florentino (2010), “se aquela cova não tivesse sido o ponto final de sua infância, não é difícil perceber que seus pais escravos algum sucesso obteria em prepará-lo para a vida.” (GÓES; FLORENTINO,

2010, p. 104).

Com os primeiros passos da industrialização brasileira, as lavouras de café foram deixando de ser a grande capital do Brasil. Por consequência, o êxodo rural se fez presente, levando a um grande crescimento populacional, especialmente em São Paulo. Contudo, o crescimento das condições sociais não acompanhou o crescimento populacional, ocasionando a falta de condições mínimas de saúde e gerando grande número de doenças, como aponta Marco Antônio Cabral dos Santos (2010):

Porém, o mesmo não se pode afirmar das condições sociais e habitacionais da cidade, que não compartilhavam desse “progresso”: estima-se que a terça parte das habitações existentes era composta de cortiços que, abrigando grande quantidade de pessoas por unidade, pode ter sido o tipo de moradia predominante na cidade. (SANTOS, 2010, p. 117).

Com isso a criminalidade teve aumento e as crianças e adolescentes passaram a praticar delitos, um novo código penal foi criado com o intuito de punir os menores infratores. Não existia diferença entre meninos e meninas, sendo assim, os menores entre 9 e 14 anos que cometessem algum delito seriam aprendidos.

Os menores estavam envolvidos nos trabalhos sejam estes legais ou ilegais, andavam pelas ruas praticando delitos ou trabalhando sem quaisquer condições de trabalho. A “vadiagem” dos menores começou a causar desconforto à sociedade que rapidamente procurou maneiras de acabar com essas arruaças, assim, qualquer um que estivesse pedindo esmola deveria ser levado à prisão.

Existiam instituições privadas que realizavam os recolhimentos dos menores, mas em sua maioria filhos de comerciantes e diretores se recusavam a receber os menores que tivessem sido incriminados judicialmente. Assim, foi necessária a criação de instituições públicas que abrigassem e proporcionassem uma correção e recuperação dos menores delinquentes.

Até 1902, era comum na cidade a prisão de garotos efetuada por praças da Força Pública ou por membros da Guarda Cívica, que, sem alternativa, os levavam para as delegacias, onde passavam uma ou duas noites presos entre “perigosos bandidos”, numa espécie de castigo informal, sem julgamento ou qualquer tipo de registro, aplicado pela autoridade local. (SANTOS, 2010, p. 124).

Assim, as brincadeiras, as lutas, o ser criança passou a ser algo passível de punição em meio à sociedade brasileira do século XIX. Em 13 de julho de 1990, o ECA foi criado com o

intuito de assegurar os direitos das crianças e adolescentes brasileiras. Um grande avanço da sociedade brasileira que não tinha crianças e adolescentes como cidadãos de direitos, em especial as crianças órfãs e sem teto. Assim elas passaram a ter direitos, e direitos assegurados em meio à sociedade brasileira do século XX.

Trabalho infantil, exploração e falta do sentimento da infância sempre fez parte da história da infância no Brasil e no mundo, após um longo período, enfim as crianças e adolescentes conquistaram primeiro a Declaração Universal dos Direitos da Criança, criada pelo ONU; especificamente no Brasil o ECA. O artigo quarto do ECA determina que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (ECA, 1990. P. 21).

2.3. O brincar e as brincadeiras

As brincadeiras sempre estiveram presentes no cotidiano das crianças, mesmo que em algumas situações, estas fossem igualadas ao trabalho. Observando o relato da primeira infância de Luís XIII, apresentado por Ariès (1981), podemos concluir que os brinquedos e brincadeiras sempre fizeram parte de sua infância. Após os sete anos, mesmo compartilhando mais do cotidiano adulto, este não deixava de brincar, pois as brincadeiras faziam parte do dia a dia de adultos e crianças. “Parece, portanto, que no início do século XVII não existia uma separação tão rigorosa como hoje entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e as brincadeiras e os jogos dos adultos. Os mesmos jogos eram comuns a ambos. ” (ARIÈS, 1981, p. 88).

É perceptível como os brinquedos e brincadeiras mudaram ao decorrer da história da humanidade, entretanto, em toda a história podemos observar como a criança usa os brinquedos para representar à sua maneira o cotidiano adulto. Podemos afirmar que as crianças utilizavam, por exemplo, cavalos de pau, para representar o cotidiano dos adultos, pois este era o meio de transporte da época. Ariès (1981) reforça isso quando relata que, “alguns deles nasceram do espírito de emulação das crianças, que as leva a imitar as atitudes dos adultos, reduzindo-as à sua escala. ” (Ariès, 1981, p.74). Assim, trazemos para nossa sociedade contemporânea do século XXI, os adultos apresentando para as crianças, por exemplo, um carro como o transporte ou um

avião. Contudo, há algo a mais em nossa sociedade que é frequentemente utilizada pelos adultos, e que agora chegou às mãos das crianças, os celulares e tablets.

Podemos observar que na idade média, as crianças estavam sempre se movimentando, brincando com brinquedos, jogos ou brincadeiras, sempre em volta dos adultos. No entanto, hoje nos vemos em meio a uma sociedade sedentária. Por base nisso, como podemos exigir das crianças um comportamento que não é reproduzido pelos adultos? Podemos pensar no uso das tecnologias por parte das crianças como uma reprodução do mundo adulto, mas quais as consequências disso para um sujeito que ainda está em constituição?

2.4. As novas tecnologias

A história humana é cercada por grandes invenções, grandes tecnologias revolucionárias que mudaram as formas de ver e pensar o mundo. No período pré-histórico, o homem deixou seus hábitos nômades ao criar técnicas de agricultura que possibilitou o cultivo de uma maior variedade de alimentos. Já na antiguidade, os egípcios, por exemplo, criaram o arado que foi de grande importância na agricultura, e que por longo tempo foi indispensável para a humanidade, mesmo após o período da antiguidade. Na idade média, mesmo que tenha sido para alguns um período sem grandes avanços tecnológicos, tivemos novas tecnologias sendo inventadas também, os moinhos d'água, por exemplo, foram de grande ajuda no campo.

Chegamos à idade moderna, e com ela veio a revolução industrial, o êxodo rural, o surgimento dos grandes centros urbanos, a criação das locomotivas a vapor, as grandes indústrias e os computadores, estes são eventos e invenções que revolucionaram a sociedade, tendo reflexo até os dias atuais. Como podemos pensar o mundo hoje sem as tecnologias de informação que surgiram após a criação do computador?

O computador, e os demais aparatos tecnológicos, na sociedade atual, contrariamente ao passado que os percebia somente como "coisas" de especialista, são vistos como bens necessários dentro dos lares e saber operá-los constitui-se em condição de empregabilidade e domínio da cultura. (PINTO, 2004, p.5).

O computador foi evoluindo, hoje temos o smartphones, notebooks e tablets. Mesmo que não reparemos ou não demos a devida atenção, às tecnologias do passado ainda afetam nossas vidas. Até hoje na idade contemporânea, temos os reflexos das tecnologias criadas na pré-

história até as criações deste século.

Não podemos negar que desde a criação dos carros até a criação dos computadores e celulares, nos deparamos com informações e rotinas muito aceleradas, pode-se notar hoje que essa velocidade de informação muito grande muda completamente a forma como as percebemos. Como fora citado por Jerusalinsky (2017):

“Quando estamos expostos à velocidade voraz de centenas de imagens por dia, através de nossas telas portáteis conectadas à internet, vivemos também expostos a um bombardeio sensorial que satura nosso sistema perceptivo. Essa quantidade de percepções modifica o modo como tramitamos mentalmente o que chega até nossos olhos e ouvidos, porque passamos a carecer do tempo necessário para elaborar o percebido no jogo entre esquecimento e memória.” (JERUSALINSKY, 2017, p.14).

Contudo, hoje em meio ao século XXI podemos dizer que o moinho d'água é uma nova tecnologia? Ela foi, hoje não mais, assim, acreditamos ser necessário que apontemos que estamos chamando de novas tecnologias em nossa pesquisa. O que era tecnologia em 1994, hoje já não é mais, e hoje mais do que nunca essa mudança de novas tecnologias passa cada vez mais rápido. Um smartphone, por exemplo, com 3 anos de lançamento já não é mais tão novo, pois seus softwares já estão desatualizados e em meio à essa busca por inovações, desejamos os produtos mais novos, e as crianças estão inseridas neste meio de consumo onde as mudanças são rápidas.

Com todos esses avanços, as relações sociais também tiverem que se adequar às inovações que foram surgindo, o sujeito contemporâneo vive no balanço entre o privado e o público, a realidade e a ficção. A velocidade das imagens e das informações exige que estejamos sempre atualizados, o ontem já é muito antigo, e a cada segundo busca-se novas informações.

É perceptível, em nossos dias, um grande uso dos celulares pelas pessoas. Se sentarmos à mesa de uma praça de alimentação e nos pusermos a observar, constataremos o grande uso dos smartphones, grupos de amigos estando ali juntos, mas todos olhando em seus celulares, adultos entregando celulares para as crianças no intuito de dar a elas uma distração.

Isto também pode acontecer em meio ao ambiente familiar, mães com os filhos no colo trabalham incessantemente em frente aos computadores, almoços em frente à TV, celular na mão enquanto conversam ou até mesmo, dado a criança como uma forma de distração.

Como citado por Julieta Jerusalinsky (2017) “São essas máquinas que falam com as crianças pelo menos de duas a três horas por dia” (JERUSALINSKY, 2017, p.23). E chegamos a mais um ponto da nossa pesquisa, estão estes pais sendo os responsáveis por uma possível falta

de socialização de seus filhos devido às novas tecnologias?

Por ser de grande uso da sociedade como um todo, chamaremos de novas tecnologias nesta pesquisa os celulares e tablets, pois acreditamos que por estes serem utilizados demasiadamente pelas pessoas e em consequência pelos pais das crianças, eles podem se tornar o objeto de desejo das crianças. Julieta Jerusalinsky (2017) nos fala um pouco sobre isso quando cita:

O sintoma apresentado de fato por número significativo de bebês e pequenas crianças na atualidade, como um efeito bumerangue, revela que muitas delas padecem de graves intoxicações eletrônicas que as fazem subjetivamente vagar à deriva, perdidas no espaço virtual, ou fixadas em um fragmento perceptivo em torno de um naco frio e brilhante puro real inominável. (JERUSALINSKY, 2017, p.53).

2.5. A socialização

O processo de socialização humano tem início na infância através das relações que a criança estabelece com os adultos e/ou seus pares. Nesse processo de socialização, a criança aprende como deve agir, quais são seus direitos e deveres, além de compreender os aspectos da sua cultura. As escolas, as igrejas, as festas de família entre vários outros lugares fazem parte deste processo, pois possibilita aos pequenos estar em contato com ambientes que favorecem o desenvolvimento psicossocial. Como menciona Papalia (2013):

Esses modos característicos de sentir, pensar e agir, que refletem influências tanto inatas quanto ambientais, afetam a maneira como a criança responde aos outros e se adapta ao seu mundo. Da primeira infância em diante, o desenvolvimento da personalidade se entrelaça com as relações social. (PAPALIA, 2013, p.203).

A personalidade da criança não é inata a sua condição humana. Essa será constituída a partir das influências e relações com o ambiente em que vive. A partir do seu contexto sócio-histórico a criança aprende a nomear seus sentimentos e a determinar a maneira como deve pensar e agir. Esse movimento vai se dar através das relações e da aprendizagem da criança, que possibilitará que ela se desenvolva e demonstre as emoções de acordo com sua cultura em questão.

Em cada contexto sócio-histórico e cultural, a sociedade humana apresenta aspectos próprios que vão fazer parte do desenvolvimento e da constituição dessas crianças, que terá um

impacto direto no seu processo de socialização.

A partir de considerações históricas, é possível perceber uma mudança na socialização entre as crianças e os adultos. Levando em consideração o período medieval, nota-se que a aprendizagem da criança se dava a partir do contato com os adultos, como menciona Miranda (1989) “a aprendizagem de valores e costumes se dava a partir do contato com os adultos: a criança aprendia ajudando aos mais velhos.” (MIRANDA, 1989, p. 126.).

Se na Idade Média, as crianças encontravam-se em volta dos adultos, com a Modernidade e o advento do capitalismo e a industrialização, elas se afastam desse convívio e conseqüentemente, perderam espaço na sociedade em meio aos adultos. Por sua vez, na Idade Moderna, apesar de haver sentimentos acerca da noção de infância e interesse na educação das crianças (burguesas), elas ainda eram excluídas da sociedade. Entretanto, a noção de infância estava ganhando cada vez mais o seu espaço na sociedade.

Mesmo com as divergências que ocorriam nas relações entre as crianças e os adultos, as crianças continuavam se apropriando dos valores sociais e morais que conduziam os aspectos sociais da sua época, através das relações estabelecidas com seus pares em escolas, conventos e/ou internatos, ou até mesmo nas igrejas e nas festividades. Pois, por mais excluídas que elas estivessem, ainda existia o contato social, que de certo modo, possibilitava a socialização. No entanto, esse processo de afastamento, impede que as crianças questionem e opinem sobre as ordens, os fazeres e as condutas criadas pelos adultos, tornando-as assim, meras consumidoras das ideias repassadas pelos adultos.

Como menciona Miranda (1989):

Assim, a criança, que na sociedade medieval convivia com os adultos em todos os momentos, é afastada deste convívio. Com isto, perdeu a possibilidade de opinar sobre decisões que lhe diziam respeito, foi excluída do processo de produção, as festas e jogos foram diferenciados, restando à criança a condição de mera consumidora de bens e ideias produzidos exclusivamente pelos adultos. (MIRANDA. 1989. p.127).

É fato que na contemporaneidade, a criança passa a ter mais visibilidade e as suas ideias e gostos passam a ser mais valorizados. É possível ver isso na atual sociedade capitalista, onde as propagandas são direcionadas ao público infantil e vão diretamente ao público alvo, as crianças. Fazendo com que as crianças deixem de ser consumidoras das ideias dos adultos e se tornem agora, produtoras de suas ideias e ganhem no mercado capitalista a produção de mercadorias que

são direcionadas ao público infantil. Estas mercadorias são exclusivamente para o consumo da criança, contudo, cabe ressaltar que as crianças não têm o poder de compra sendo assim, são os pais que se tornam responsáveis pela aquisição ou não aquisição dos produtos direcionados a elas.

O cenário do capitalismo tem causado o aumento da rotina de trabalho, com isso, tem se tornado cada vez mais frequente a falta de tempo dos pais para estabelecer uma relação mais próxima com as crianças. Como resultado dessa rotina, os pais deixam a cargo das escolas e dos eletrônicos a função de entretenimento das crianças, a fim de que consigam um tempo para descansar da rotina de trabalho ou conseguir realizar suas tarefas. Esse período da contemporaneidade, tem como característica o imediatismo e assim como as crianças de hoje, os pais também são cidadãos contemporâneos, e vivem o imediatismo e o grande acesso às redes sociais, o que tem ocasionado o distanciamento dos filhos.

Contudo, no processo de assimilação das condutas sociais, cabe aos adultos a função de serem os orientadores que irão ensinar as crianças as regras morais de cada sociedade. Desta forma, as crianças passam a ser um reflexo do que os adultos esperam que elas sejam, sendo moldadas para serem adultos que mantêm as regras morais e éticas na sua sociedade. Miranda (1989) aponta isso quando afirma que, “Ideologicamente, fica legitimada a necessidade de se auxiliar a criança no seu processo de assimilação das normas e penalizar aqueles que as recusam em nome de uma condição natural da criança.” (MIRANDA, 1989, p. 128).

E além de serem responsáveis pela possibilidade da interiorização das normas sociais, cabe aos adultos também, a penalização para com as crianças que se recusam a seguir as normas sociais, pois desta maneira vão aos poucos apresentando aos pequenos o que é aceito e o que não é aceito no meio em que elas vivem. Podemos observar isso, quando mencionado por Miranda (1989), “No convívio com a família, a criança internaliza padrões de comportamento, normas e valores da sua realidade social decorrente de sua condição de classe. Até mesmo antes de nascer, tais condições já estão presentes.” (MIRANDA, 1989, p.133.).

Pensando na importância dessa interação, podemos ver a família como base para inserção das crianças nas normas de nossa sociedade. Juntamente da família, a escola também participa desse processo de socialização, visto que, é uma das instituições formadoras de subjetividade. Ou seja, ela potencializa o desenvolvimento da constituição social, psíquica e cultural das crianças, tendo em vista que é neste ambiente que as crianças têm o primeiro contato com pessoas além de

seu núcleo familiar, sendo assim, a escola torna-se um importante meio de desenvolvimento da formação social da criança.

Por base nisso, é possível observar que além do contato com os adultos, o contato com outras crianças da mesma idade e/ou mais velhas, torna possível de maneira mais intensa a interiorização de regras morais e éticas da sociedade, pois ao entrar em contato com as experiências vividas pelos colegas, em suas respectivas famílias, o intercâmbio cultural/social é um grande criador de incorporação dos padrões e normas sociais.

Como citado por Miranda (1989):

Na escola, a criança vive um processo de socialização qualitativamente distinto, passando a internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais. Será submetida a novos processos de internalização da realidade social, pela mediação de novos veículos sociais. (MIRANDA, 1989, p. 134).

Na família contemporânea é possível ver que pela valorização do trabalho, houve um aumento do número de pais que precisam recorrer a outras formas de supervisão dos filhos, como em creches e escolas. No entanto, após o horário escolar algumas famílias necessitam deixar as crianças em casa aos cuidados de parentes, irmãos mais velhos, vizinhos ou até mesmo, sozinhas.

Segundo o IBGE, em 2018, 79,1% dos domicílios brasileiros utilizavam da internet. Apesar de não ser a realidade de toda a sociedade brasileira, grande parte desta desfruta do uso dos aparelhos eletrônicos. Por consequência, as crianças estão se apropriando desse novo método de distração. Pois, em vários momentos, os pais entregam os aparelhos para as crianças na tentativa de suprir a ausência, e até mesmo para encontrarem um tempo de descanso após a jornada de trabalho, que tem se tornado cada vez mais exaustiva, sendo este um aspecto da sociedade do século XXI. Contudo, essa troca da interação pelas telas dos celulares, acaba interferindo diretamente no processo de socialização e de interiorização da linguagem.

Podemos ver que o processo de socialização foi se modificando ao longo dos anos. No entanto, mesmo com as adaptações feitas de acordo com a cultura da época, a socialização manteve a sua importância para o processo de desenvolvimento dos seres humanos independente do período histórico em que os mesmos viveram.

Independente do período histórico, a socialização se dá a partir das interações que as crianças estabelecem com o meio social em que vivem, e essas mesmas interações serão

responsáveis pelo processo de maturação (amadurecimento) do desenvolvimento físico e da construção psíquica e social. Essa maturação das funções psicológicas superiores é mediada simbolicamente nas relações sociais, sendo estas, históricas e culturais.

Como aponta Lucci (2006) sobre a teoria de Vygotsky (1991):

O ponto de partida são as estruturas orgânicas elementares, determinadas pela maturação. A partir delas formam-se novas e cada vez mais complexas funções mentais, dependendo da natureza das experiências sociais da criança. Nesta perspectiva, o processo de desenvolvimento segue duas linhas diferentes em sua origem: um processo elementar, de base biológica, e um processo superior de origem sociocultural. (LUCCI, 2006, p.7).

Seguindo a teoria Vygotskyana, as funções psicológicas superiores, como, pensamento, cognição e memória, não nascem prontas com os seres humanos, elas precisam ser interiorizadas e desenvolvidas nas relações sociais das crianças. A partir dessa interação com o outro que será possível a criança desenvolver a sua própria subjetividade, tornando-se capaz de perceber e compreender o mundo.

A subjetividade é uma construção social, ou seja, é pela interação com a alteridade que o psiquismo humano toma forma. Trata-se de um processo de apropriação das normas culturais, valores morais, identidade individual, identidades de gênero, sexualidade, etc. É a partir da interação dialética com o mundo que vamos modificando e construindo a nossa própria identidade, afetando e sendo afetado pelo meio sócio, histórico e cultural. Entendendo dialética sobre a visão de Vygotsky (1991): “A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existência.” (VYGOTSKY,1991, p.43)

Nas escolas, as crianças não estão livres deste processo de socialização, pelo contrário, as crianças continuam aprendendo a partir da interação social. A escola consiste em um lugar de interrelação de histórias: da instituição de ensino, da sociedade em que ela se insere, da família e do estudante. Sendo assim, as crianças estabelecem relações dialéticas entre elas e seus pares, propiciando o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, das normas sociais e, conseqüentemente, aprendendo a socializar e criar vínculos com o mundo que a cerca.

Como menciona Miranda (1989):

Na atualidade, a escola continua propondo a integração social - a socialização - como uma de suas principais finalidades. Tal finalidade atua como dissimuladora da realidade social, pois, ainda que marginalizada na estrutura social moderna, a criança sofre continuamente um processo de socialização. ” (MIRANDA,1989, p. 130).

É importante salientar que a criança não passa a ser socializada nas escolas, ela desde o momento de seu nascimento já é um ser socializante, como aponta Charlot *apud* Miranda (1989) “a criança é um ser sempre já socializada” (MIRANDA, 1989 p. 130).

Diante disso, observa-se que o processo de socialização enfrenta diferenças como, criação, idade e nível de desenvolvimento. Porém, apesar de haver tais diferenças, o processo de socialização vai ocorrer da mesma forma na vida dessas crianças. As crianças se adaptam e encontram nas suas interações as oportunidades de aprender, seja pela observação ou pela prática. Reforçando a ideia de que, estar com outras crianças é fundamental e necessário para o desenvolvimento saudável das crianças.

2.6. Os possíveis impactos na socialização

Vygotsky em seu livro “O Desenvolvimento social da mente”, aponta que o momento de maior desenvolvimento intelectual é quando a fala e a inteligência prática se encontram, assim a criança utiliza das duas em suas atividades, trazendo assim um maior desenvolvimento.

O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem. (VYGOTSKY, 1991, p. 20).

Com a fala, a criança busca controlar o ambiente no qual ela faz parte, sendo assim, a fala é de grande importância para seu desenvolvimento, mas não o único. A criança observa o ambiente em sua volta, emite comportamento que observa nos adultos, e fala de acordo com as falas dos adultos. A criança necessita da fala para que consiga elaborar as situações cotidianas, como aponta Vygotsky (1991), “Observamos que a fala não só acompanha a atividade prática como, também, tem um papel específico na sua realização. ” (VYGOTSKY, 1991, p. 21).

Quando uma criança se encontra em constante uso de um celular ou tablet, ela não fala. Ela se concentra no joguinho ou vídeo musical, canta as músicas, comemora a vitória, mas o diálogo para a elaboração da situação não acontece, e isso pode acarretar em problemas futuros

na elaboração de soluções de problemas práticos.

Se a criança perceber que ela não consegue solucionar a situação, ela irá buscar o adulto para ajudá-la. Mas se falarmos de uma família na qual os adultos fazem o uso constante dos smartphones, e não dão a devida atenção às indagações da criança, os mesmos não irão ajudá-la, e estarão induzindo a criança a procurar no celular as respostas para suas dúvidas.

Entendemos que muitos adultos entregam celulares às crianças na intenção de distraí-las para que possam realizar suas atividades cotidianas. No entanto, se a criança solicitar ajuda, são grandes as chances de que este adulto fale para a criança que “não tenho tempo”, “volte a jogar”, “me deixa trabalhar”, “agora não, estou ocupado”.

A criança volta para o aparelho eletrônico e tenta solucionar seu problema sem a ajuda deste adulto, mas o desenvolvimento social da criança está ligado ao comportamento das outras pessoas que a rodeiam, a criança observa e imita o comportamento, ela brinca para elaborar o mundo exterior. Vejamos nesta situação, um pai, por exemplo, que sempre está interagindo no aparelho celular, não corresponde à criança quando a mesma solicita ajuda para a solução do problema, ele apresenta o celular como forma de solução do problema, ele está mostrando um comportamento que o celular é o melhor modo da criança resolver suas questões, da criança socializar. Porém, sabemos que a socialização humana está intimamente ligada à interação entre humanos.

O adulto é de grande importância para a criança nesta elaboração de solução do problema, como aponta Vygotsky (1991) “Ao fazer uma pergunta, a criança mostra que, de fato, formulou um plano de ação para solucionar o problema em questão, mas que é incapaz de realizar todas as operações necessárias. ” (VYGOTSKY, 1991, p.23). Sendo assim, é grande a responsabilidade do adulto em ajudar a criança quando a mesma solicita.

Vygotsky (1991) aponta: "A capacidade ou incapacidade de focalizar a própria atenção é um determinante essencial do sucesso ou não de qualquer operação prática. ” (VYGOTSKY, 1991, p.27). Quando a criança está utilizando o aparelho eletrônico ela está focalizando a sua atenção nesse objeto, no entanto, não há uma interação com o mesmo como ocorre com outros humanos, o que impede que ocorra o desenvolvimento da atenção dinâmica. A atenção dinâmica vai acontecer por meio da fala, já que, por meio da fala, a criança vai desenvolver a habilidade de elaboração de solução para os problemas. Como afirma Vygotsky (1991), “Além de reorganizar o campo viso-espacial, a criança, com o auxílio da fala, cria um campo temporal que lhe é tão

perceptivo e real quanto o visual. A criança que fala tem, dessa forma, a capacidade de dirigir sua atenção de uma maneira dinâmica.” (VYGOTSKY, 1991, p. 27).

É de grande importância para o desenvolvimento da criança que a mesma fale, sendo este um ato que não ocorre quando a criança se encontra utilizando demasiadamente o aparelho celular, é essencial que a criança desenvolva uma atenção dinâmica.

Os adultos ficam fascinados com as habilidades das crianças quando estão usando celulares. Eles têm certa facilidade que pode ser espantosa para uma geração que não nasceu envolvida com estes eletrônicos. Bebês apertam as teclas, logo já estão entendendo como funciona aquele aparelho, já sabem onde aperta para pular o anúncio do Youtube. Porém, como já vimos com Vygotsky (1991), falar é essencial para o desenvolvimento das crianças. Entretanto, segundo Jerusalinsky (2017, p.48) as telas hoje funcionam como chupetas eletrônicas, suprimindo a falta dos pais ou de um cuidador. O uso do celular de forma exacerbada, pode prejudicar seu desenvolvimento, pois nos impede de estar em contato com outras pessoas.

O assunto “novas tecnologias e desenvolvimento social infantil” é um assunto novo, ainda não sabemos seus possíveis impactos no desenvolvimento da sociabilidade das crianças, é no intuito de investigar tais impactos que se propõe esse estudo.

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO

3.1. Análise do conteúdo

A análise de conteúdo trabalha com a investigação de diferentes fontes de conteúdo, sendo eles verbais ou não-verbais, como aponta Bardin (1977), “Absolve e caucionar o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem.” (BARDIN, 1977, p. 09).

Nesta análise temos dois tipos de textos, sendo eles: textos que são construídos a partir do processo de pesquisa, no qual são utilizadas transcrições de entrevistas e protocolos de observação e textos que já foram produzidos para ser utilizados em outros contextos e finalidades, como jornais e revistas. O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, no entanto, deve ser considerado as condições contextuais de seus produtores e basear-se na

concepção crítica e dinâmica da linguagem. A análise de conteúdo é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema (VERGARA, 2005, p. 15).

A condução da análise dos dados abrange algumas etapas, a fim de que se possa conferir os dados coletados de uma forma mais significativa. BARDIN (2011) indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação. Com base nisso, vamos abordar em sequência as etapas que serão feitas e, conseqüentemente, a descrição de como cada processo vai ser realizado.

3.2. Pré-análise

Através de entrevistas individuais é possível que possamos compreender como determinado grupo compreende aspectos da vida em comunidade. Neste projeto, buscaremos compreender os impactos do uso abusivo das novas tecnologias na socialização das crianças. Conforme aponta Richardson (1999), "é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida." (RICHARDSON, 1999, p. 160).

A coleta de dados do presente projeto foi realizada através de entrevistas online e individuais com quatro professoras da educação infantil. É importante ressaltar que as entrevistas foram realizadas de maneira online em decorrência da pandemia da Covid19, seguindo assim, os protocolos de segurança da Organização Mundial da Saúde. As professoras entrevistadas possuem tempo de experiência diversos, sendo duas com 13 anos de atuação, uma com 21 e a outra com 5 anos de vivência na Educação Infantil. As entrevistas realizadas foram semiestruturadas e com duração média de 30 minutos, após o fim das entrevistas, foram transcritas para análise.

Após a transcrição das entrevistas, iniciamos a técnica de análise de conteúdo, a fim de analisar as informações que foram colhidas durante o processo de entrevistas, essa próxima etapa da aplicação da técnica será descrita na próxima sessão.

3.3. Exploração do Material

Com o objetivo de responder às hipóteses e objetivos do presente projeto de pesquisa, optamos pela análise categorial pelo fato da mesma ser a melhor alternativa quando buscamos estudar aspectos socioculturais através de dados qualitativos. De acordo com Bardin (1977), buscamos após a seleção do material e leitura flutuante, formar as categorias desta pesquisa através da codificação.

A codificação será baseada nas entrevistas realizadas com os avós e professores, podendo ser utilizado, em determinados momentos, a observação realizada com as crianças.

3.4. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

Os resultados que serão obtidos por meio das entrevistas fornecerão informações que serão relevantes para os resultados da análise. Este material poderá nos fornecer referencial teórico capaz de confrontar nossas hipóteses iniciais, o que poderá servir de base para novas dimensões teóricas que tendem a surgir no decorrer do projeto.

Com o intuito de preservar as identidades das professoras entrevistadas, usaremos numerais romanos para citá-las, sendo estas correspondentes a: I; II; III; IV.

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1. Dependência das tecnologias

Se sentarmos em uma mesa de um restaurante, podemos ver crianças concentradas em aparelhos eletrônicos sem dar “trabalho” para os pais. Elas estão ali envolvidas com a tela brilhando, com os sons atrativos e as premiações no fim do joguinho. Porém, precisamos entender que mesmo que estas crianças permaneçam quietas esperando a comida chegar, não estamos falando de crianças que estão pacientes, pois como aponta Gueller (2017, p.65) os avanços das tecnologias nos deixam mais ansiosos e inquietos.

À medida que as crianças se encontram mais imersas nas telas dos celulares, pode-se causar um impacto na socialização. Em muitos momentos, as crianças perdem a habilidade de

lidar com as frustrações, devido ao imediatismo que as telas as entregam. As telas entregam às crianças o controle, são elas que escolhem as roupas, os cenários, a maneira de jogar, o nível de dificuldade, elas têm o poder de mudar tudo e qualquer coisa dentro do ambiente tecnológico. Como aponta Jerusalinsky (2017), “Como o gênio da lâmpada de Aladim, confinado eternamente numa garrafa, sem nenhuma relação com o mundo, mas com o poder de transformar qualquer coisa em qualquer coisa e também qualquer não coisa em coisa, na sua tela mágica” (JERUSALINSKY, 2017, P. 60). As crianças são hoje como o gênio do Aladim, tudo podem, mas estão confinadas.

O contexto cultural em que as crianças nascem e vivem hoje é rodeado pelas tecnologias, contudo, o que é preocupante é o vício de crianças pequenas nas novas tecnologias. Crianças que ficam quietas nas mesas dos restaurantes, são, geralmente, as que buscam sempre o imediatismo em tudo que fazem. Elas não toleram o erro, precisam que as coisas sejam feitas no tempo estabelecido por elas mesmas, e por consequência desse imediatismo, vemos situações em que pela ansiedade de continuar jogando e/ou brincando nas telas, as crianças podem apresentar dificuldade para dormir. Como aponta a professora II, em um relato sobre uma situação que vive em sua casa, onde pontua que *“Por exemplo, o meu aqui –filho- é viciado em celular que ele até chega a ter transtorno do sono de madrugada, fica acordado, me chama”* (PROFESSORA II).

Essas crianças pequenas quando desconectadas não sabem o que fazer, não sabem como brincar e não conseguem entender que existe um mundo fora do celular ou tablet. Segundo a professora II, *“Até no jeito de pegar no lápis tá diferente [...] Só ficam com os movimentos do dedão, aí pega assim com a mão fechada para poder escrever, daí é outro desafio.”* (PROFESSORA II). Ainda segundo a professora II, há trezes anos atrás, crianças que eram estimuladas através de brinquedos pedagógicos que potencializam o processo de desenvolvimento motor, conseguiam alcançar entre 2 e 3 anos de idade os movimentos de pinças. O que hoje não é possível ser observado de acontecer com todas as crianças, visto que, por estarem desde muito novas expostas ao uso excessivo das telas.

Segundo Gueller (2017), estamos mais interessados no que a tecnologia nos oferece do que o que os humanos podem oferecer em uma simples conversa, e talvez esse fascínio da ilusão de poder que as telas proporcionam, é o que paralisa as crianças e adultos frente a elas, levando assim a não saberem o que fazer quando não há conexão. Gueller (2017), ainda afirma que, “A rede nos liberta do peso do corpo, solta as amarras e nos deixa leves porque não nos vemos

refletidos. Talvez por isso crianças e adultos fiquem paralisados na frente da tela e, contrariamente, não sabem o que fazer de seu corpo quando estão sem conexão. ” (GUELLER, 2017, p. 65)

É possível perceber que além da dependência que as crianças estabelecem com as telas, vemos também esse comportamento se repetir com os adultos, o que por vezes, pode influenciar diretamente nesse comportamento das crianças. Vê-se que os pais têm grande poder de influenciar as crianças nas formas como elas estabelecem contatos com os objetos, neste caso, os celulares, tablets e outras tecnologias.

A utilização do celular como um método de distração é potencializada quando os pais colocam os filhos para assistir desenhos ou jogar joguinhos que, em muitos momentos, podem não acrescentar no desenvolvimento das crianças. O celular acaba não sendo utilizado como uma ferramenta de aprendizado e estímulos, mas como uma forma de controlar as crianças para que os pais consigam realizar as suas atividades e até mesmo, consigam descansar da rotina pesada de trabalho enfrentada ao longo do dia.

No entanto, vê-se que essa postura não é saudável para o desenvolvimento das crianças, como cita a Professora III:

Se a família usa o aparelho para ver vídeo do YouTube ou joguinho para poder parar a criança, para que ele ficar quietinho ali no canto, isso para mim é extremamente negativo, ele não tá ensinando o filho dele a nada, ele não tá oportunizando a criança que ela aprenda, ao contrário ele tá fazendo com que a criança se isole do mundo, não tá permitindo que ele crie outros vínculos a não ser aquele vínculo com o aparelho, com o virtual mesmo né. (PROFESSORA III).

Esse comportamento que os adultos adotam frente as crianças, também diz de uma dependência que os celulares exercem sobre eles mesmos. Os adultos ficam tão focados em seus aparelhos eletrônicos que não conseguem transmitir às crianças suas experiências e estímulos que favoreçam o seu desenvolvimento. Por consequência, as crianças têm a internet como referência para a busca de informações e distrações para o seu dia a dia. Como reforça Jerusalinsky (2017), “destituídos pela Web, os adultos não encontram o modo de transmitir sua experiência. Enquanto isso, as crianças desfrutam de uma fonte de informação interminável, e os jovens confiam a um punhado de dados a justificação de seus atos. ” (JERUSALINSKY, 2017, P. 61).

Ter um celular em mãos, é ter o mundo na palma da mão. Crianças pequenas têm livre acesso a tudo que circula na rede, as informações aparecem para elas à medida que suas escolhas vão sendo registradas pelos algoritmos. Devido a isso, as crianças hoje encontram uma facilidade maior de ter acesso às informações e ao conhecimento, como é reforçado pela Professora I quando ela relata que: *“Então eu acho que ele consegue né, ter esse acesso muito fácil”* (PROFESSORA I). Contudo, ter acesso a todos os tipos de conteúdo não garante que a criança está adquirindo conhecimentos relevantes para o seu desenvolvimento, visto que, transformar estas informações em conhecimento requer uma troca entre humanos.

Por vezes, podemos ver que os pais não participam deste ilimitado acesso que as crianças têm com os celulares. Não acontece uma troca de experiências, pois eles também estão conectados, reforçando o poder que as telas têm sobre as pessoas, sobretudo nas crianças pequenas que estão se desenvolvendo em meio a um mundo extremamente tecnológico e sem limites.

4.2. O desenvolvimento humano e a habilidade de concentração das crianças

O ser humano se encontra em transformação desde o momento da concepção até o momento do fim da vida como aponta Papalia e Feldman (2013), “desde o momento da concepção, tem início nos seres humanos um processo de transformação que continuará até o final da vida. Uma única célula se desenvolve até se tornar um ser vivo, uma pessoa, que respira, anda e fala.” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.36).

Mudanças são inerentes à vida humana, nascer, crescer e aprender ao decorrer do processo de desenvolvimento humano, é o que torna o ser humano de fato em um ser humano. Os adultos têm papel fundamental de auxiliar neste processo de desenvolvimento desta única célula que se tornará uma criança que irá crescer e se desenvolver tornando-se uma pessoa adulta.

As crianças hoje têm a tendência a se isolarem em suas residências, pois assim, com o uso do virtual, não será necessário se haver com as demandas, conflitos e questões que com o convívio com outras crianças são iminentes, e assim com a falsa sensação de realidade, ela satisfaz suas necessidades criando amigos virtuais, como aponta Paiva e Costa (2015):

A diversão e o cumprimento das atividades escolares da criança do mundo

contemporâneo encontra-se basicamente dentro de casa, no computador ou tablet, nas redes sociais virtuais, onde as mesmas constituem amizades e realizam as atividades escolares por meio desses dispositivos eletrônicos sem haver a necessidade de estabelecer contato físico com a outra pessoa. (PAIVA; COSTA, 2015, p.4).

Com isto o vínculo e o contato com o outro acaba se perdendo. Ao se isolar em casa com várias tecnologias, as crianças podem estar perto da dependência tecnológica, e quando são obrigadas a irem para o convívio com as outras crianças, por exemplo, à escola, elas apresentam dificuldades em interação e dificuldades para expressarem seus sentimentos. A professora II aponta isso quando relata que *“tenho um aluno lá na escola que a mãe dele é funcionária, ele quer estudar com celular dentro da sala de aula, com quatro anos, aí eu falo com ele “não, agora não, vai entregar o celular para sua mãe ou então guarda na mochila. (PROFESSORA II).*

A atenção faz parte das vivências humanas, em várias atividades cotidianas nós precisamos utilizar da atenção seja ela concentrada ou dividida. Nas atividades escolares é frequentemente necessário que se faça o uso da concentração, seja para ler o enunciado do exercício, para pintar, colorir, desenhar, recortar, fazer margem na folha, entender a explicação das brincadeiras, enfim, a todo momento estamos utilizando da concentração e de coordenação motora para realizarmos atividades.

Com o uso das telas, as crianças estão se tornando dependentes da praticidade que as telas oferecem. Questionamos as professoras se elas percebem no dia a dia em sala de aula, que a exposição em excesso às telas, tem acarretado em problemas na concentração e habilidades motoras das crianças pequenas. As professoras II e III nos relataram que conseguem perceber que essa praticidade de usar os dedos para mexer nas telas, tem causado déficits aos alunos que chegam às escolas com dificuldades em manusear os papéis.

Parece que eles esqueceram de colorir, pegar um lápis, tem menino que não sabe rasgar um papel de tanto que mexe com celular, com tecnologia parece que esquece do real, não rasga papel, não sabe amassar. Hoje a gente vê nitidamente a diferença das crianças de treze anos atrás e hoje. (PROFESSORA II)

Em uma sala de aula, é necessário que se use a criatividade, os braços, o corpo e movimentos de pinça. A inteligência está ligada a interação e a estimulação, como aponta Papalia e Feldman (2013), “embora a inteligência seja fortemente influenciada pela hereditariedade, a estimulação parental, a educação, a influência dos amigos e outras variáveis

também a afetam. ” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.42).

A escola e suas variáveis fornecem estímulos que desenvolvem a inteligência das crianças, que em interação com as outras crianças, em seu processo de socialização, vão desenvolvendo habilidades e interiorizando o mundo que a cerca. Entretanto, como a escola pode auxiliar no desenvolvimento das habilidades psíquicas superiores se terá que “competir” com as novas tecnologias? Esse foi um fator levantado durante a entrevista, onde as professoras I, II, III e IV ressaltaram que *“é muito desigual eu como professora querer lutar com as tecnologias, porque eu tenho só papel, lápis, tinta, giz de cera, então assim, pra poder..., a gente disputar com as redes sócia, com as mídias é bem. ”*

Por base nisso, é possível perceber como tem se tornado uma tarefa difícil conseguir chamar a atenção das crianças e principalmente, manter a concentração delas voltadas para as atividades propostas em sala, tendo em vista que as telas são mais coloridas e apresentam conteúdos bem mais atrativos e estimulantes.

Como afirma Papalia e Feldman (2013):

Boa parte da pesquisa em processamento de informação com bebês baseia-se na habituação, um tipo de aprendizagem em que a exposição repetida e contínua a um estímulo (o raio de luz, por exemplo) reduz a atenção a esse estímulo. Em outras palavras, a familiaridade gera perda de interesse. (PAPALIA; FELDMAN, 2013, pág. 183).

Essa teoria acaba sendo reforçada quando a vemos aplicada no dia a dia. A Professora I relata sobre a postura das crianças em sala: *“Elas ficam mais distraídas e dispersas. É... perdem o interesse em brincadeiras mais interessantes, por exemplo, corporais, preferem ficar ali deitadinhas, sentadinha e mexendo no, por exemplo, no celular e tablet. ”*

Deste modo, é possível perceber que sim, elas, as crianças, mantêm a atenção concentrada, porém, em suas telas. Em contrapartida, nas aulas e nos momentos em que precisam utilizar de funções corporais e/ou psíquicas para a interação com o ambiente escolar e as brincadeiras corporais, elas se dispersam. De acordo com a professora II, é necessário que se pense em outras formas de atrair a atenção dos alunos em sala de aula, pois de fato é difícil para a professora competir com as tecnologias.

Uma coreografia, pra colocar lá na hora, tem as caixas tudo Bluetooth que já conecta no YouTube, aí você já põe as crianças para dançar, interagir, para fazer brincadeiras, tem algumas que são até dinâmicas com a criança na sala de aula, voa borboleta, daí eles vão fazer os movimentos ouvindo a música. (PROFESSORA II)

Deste modo, é necessário que se inove e faça da educação mais atrativa e interativa, estimulando as crianças a desenvolverem suas habilidades e capacidades, principalmente a linguagem, pois é através da interação social que a linguagem, as capacidades físicas, cognitivas e psicossociais são desenvolvidas (Papalia; Feldman, 2013, p.38).

Além disso, Paiva e Costa (2015), reforça com a afirmação de que:

Os brinquedos tradicionais caracterizados pela criatividade, coordenação motora e reflexos através do contato físico direto tornaram-se obsoletos, pois, o avanço tecnológico é um fenômeno associado à qualidade no mundo virtual, dificultando assim, o desenvolvimento das experiências sinestésicas (audição, visão, paladar, olfato, tato) nas quais são decorrentes da relação da criança com o mundo real. (PAIVA; COSTA, 2015, p.3).

O que nos possibilita compreender a necessidade das experiências reais para o desenvolvimento da criatividade, da maturação da coordenação motora e da interação social da criança.

Quando nós, adultos, fazemos o uso de celulares, tendemos a exigir respostas imediatas, e com as crianças não é diferente, tendo suas necessidades e vontades atendidas no momento em que solicita na tela. Porém, quando em um contexto real, a criança também quer que suas demandas sejam atendidas imediatamente, o que pode ocasionar irritabilidade e agressividade quando essa necessidade não é suprida no tempo em que a criança quer. Como relatado pela professora II sobre a desvantagem das tecnologias *“desvantagem é a agressividade, a irritabilidade, é a preguiça, é como diz, “eu não quero fazer” “eu vou ficar... eu quero brincar, eu quero mexer no celular” então essa é a desvantagem que tem”*.

Em um contexto de sala de aula, isso pode ocasionar em sentimento de frustração, pois ao não ser atendida imediatamente a criança se vê frente ao limite imposto pelo real, “aqui não sou eu quem mando”, o que pode ser saudável para o seu desenvolvimento, pois poderá assim, perceber que há necessidades que não são as suas, e que serão atendidas. Aprenderão a esperar sua vez, e até mesmo a resolver sua situação com ajuda dos colegas ou por si mesma, tornando-se mais autônoma e não dependente, o que é enaltecido com o uso das telas.

Como aponta Papalia e Feldman (2013):

O desenvolvimento psicossocial pode afetar o funcionamento cognitivo e físico. De fato, sem conexões sociais significativas, a saúde física e mental terá problemas. A motivação e a autoconfiança são fatores importantes para o sucesso na escola, enquanto

emoções negativas como a ansiedade podem prejudicar o desempenho. (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.33).

Ser colocada frente a desafios, fornece a criança a capacidade de desenvolver suas funções cognitivas, físicas e psíquicas, pois frente a um problema ela buscará maneiras de contornar a situação geradora de conflitos. Com as conexões sociais descritas por Papalia e Feldman, a criança desenvolve motivação e autoconfiança que são importantes para o sucesso escolar, além de permitir o desenvolvimento saudável do indivíduo humano.

Segundo Papalia e Feldman (2013):

A cultura refere-se ao modo de vida global de uma sociedade ou grupo, que inclui costumes, tradições, leis, conhecimento, crenças, valores, linguagem e produtos materiais, de ferramentas a trabalhos artísticos – todo comportamento e todas as atitudes aprendidas, compartilhadas e transmitidas entre os membros de um grupo social. A cultura está em constante mudança, geralmente mediante contato com outras culturas. Hoje, o contato cultural é incrementado por computadores e pelas telecomunicações. (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.45).

Os seres humanos são seres sociais, desde o começo, desenvolvem-se dentro de um contexto social e histórico (Papalia; Feldman, 2013). Deste modo, é possível perceber que mesmo com a influência das telas causando a dispersão das crianças dentro da sala de aula, no momento de interação elas, ainda se mantêm como seres sociais que são, brincando e socializando.

É de suma importância que as crianças se desenvolvam de forma saudável dentro do contexto sócio-histórico, desenvolvendo sua capacidade físicas, cognitivas e psicossociais. São nas escolas em que as diferenças são compreendidas, respeitadas e superadas, com interação, diálogo e convivência. Como mencionado pelas professoras II e IV *“a internet e o celular pode como dizem, possuir N melhorias, N mudanças, mas nunca que vai substituir a socialização, o tocar, o sentir.”* O que reforça a ideia de que as trocas de experiências sociais que tornarão a criança um sujeito com identidade e subjetividade são fundamentais.

4.3. Dificuldade de interação

O contato excessivo que as crianças pequenas estabelecem com os eletrônicos, as privam de ter um maior contato com as pessoas que estão aos seus redores, por consequência, as crianças acabam se prendendo em um mundo que é só delas e não se abrem para conhecer o mundo que a

cerca. As crianças pequenas estão em um período do desenvolvimento que chamamos de período egocêntrico, onde as crianças estão voltadas apenas para si e não conseguem identificar e ceder às vontades do outro. Como relatado por Taille, Oliveira e Dantas (2019), “a criança pequena tem extrema dificuldade em se colocar no ponto de vista do outro, fato que a impede de estabelecer relações de reciprocidade. As três características juntas representam o que Piaget chamou de pensamento egocêntrico.” (TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS. 2019, p. 07).

Esse comportamento egocêntrico das crianças é reforçado pela falta de interação com o meio que elas vivem. O contato contínuo com a tecnologia, sem a possibilidade de socialização, faz com que as crianças se tornem mais excludentes no que diz respeito a conhecer outras pessoas e as diversidades que temos em nossa sociedade. O que em muitos momentos, reforça os comportamentos inapropriados na internet. Dunker (2017) aponta isso quando diz que “A exclusão do outro perturbador, a recusa da diversidade e o bullying digital são signos desta patologia da gramática da demanda” (DUNKER, 2017, p.126).

A partir das relações que as crianças estabelecem com os seus meios, juntamente com a ajuda dos pais e dos seus pares, permitem que as crianças se desenvolvam e estabeleçam interações com o mundo. Esse contato possibilita que as crianças desenvolvam a capacidade de socialização, à medida que elas conseguem identificar os pontos de vista dos outros e estabelecer um contato de reciprocidade com o seu meio.

Entretanto, quando a criança se prende no mundo da tecnologia e não consegue estabelecer esse contato com as pessoas a sua volta, ela percebe o mundo apenas pelas telas dos eletrônicos. E quando ela precisa estabelecer contato com o mundo real, ela encontra dificuldade e não sabe como fazer essa interação com o outro, e geralmente recorre aos aparelhos eletrônicos para conseguir suportar esse mundo que não é virtual, como se o eletrônico desse uma segurança para ela diante da dificuldade de estabelecer relações sociais.

Fato esse que é representado pela Professora II quando ela pontua uma situação que ocorreu dentro de sala com uma aluna que não conseguia estar perto de outras pessoas, visto que, em sua rotina de casa, o seu contato era direto com os aparelhos eletrônicos.

Eu tive uma -aluna- ano passado que ela tinha medo de gente, tinha medo de outras crianças, eu acho assim, que ela só convivia com adultos e assim, só com celular, não tinha convívio com ninguém. Eu precisava sair da sala e tinha que levar ela, porque eu era a única ali que ela assim... Teve uma proximidade foi comigo, ela não podia sentar na mesa com os colegas, ela tinha que ter uma mesa só para ela, não aceitava ninguém encostar nela que não fosse a professora, as outras funcionárias da escola chegavam

perto dela e ela virava a cara, abaixava o rosto, a visão sabe? Como diz “quero nem te ver. (PROFESSORA II)

Com o relato citado acima pela Professora II, vemos o quanto é importante que desde pequena a criança já estabeleça interações com outras pessoas, sendo elas, os pais, avós, professores e, principalmente, seus pares. A constituição do sujeito e a elaboração da sua subjetividade está diretamente relacionada com as vivências que a criança experimenta ao longo do seu desenvolvimento.

Para a Professora IV é bem evidente que essa interação com outras pessoas é primordial para que a criança consiga desenvolver a sua habilidade de socialização e de convívio com outros seres humanos. Sendo, esse contato, o que vai possibilitar a criança sobreviver em sociedade, tendo em vista que, somos seres sociais e que a nossa sobrevivência está ligada a dialética que estabelecemos com o meio em que vivemos.

Sobre a importância da socialização, a Professora II e IV traz um relato sobre suas percepções na educação infantil, quando aponta que *“vejo o tanto que a socialização, principalmente na educação infantil, vem falando que a criança vai descobrir um monte de coisa.... É conversando, é interagindo, é brincando, é interagindo com outros coleguinhas.*

Nesta atual sociedade tecnológica, estar com o outro não significa estar verdadeiramente com o outro, pois em muitos momentos podemos ver que são apenas corpos apoiando os celulares e concentrados em seus jogos. Porém, para o desenvolvimento humano, conversar, interagir e brincar é fundamental. Pois, por mais que existem inúmeras tecnologias que podem nos aproximar de quem está longe, nada substitui o contato físico com as outras pessoas e os ganhos que essa relação nos possibilita, principalmente no que diz respeito às crianças pequenas que estão em desenvolvimento desta socialização.

4.4. Frustração e o Imediatismo

Estar inserido no meio tecnológico faz com que estejamos cada vez mais envolvidos nos pequenos prazeres que as telas nos oferecem. Pagar uma conta rapidamente pelo aplicativo do banco ou ter a resposta do amigo imediatamente pelo aplicativo de relacionamento, faz com que estejamos sempre em busca do imediato, nos tornando assim, a sociedade do imediatismo. Com as crianças a lógica de funcionamento social segue a mesma linha. Com as respostas imediatas

que as telas proporcionam, elas vão tornando-se ansiosas e inquietas, chegando ao ponto de serem intolerantes ao erro, tendo em vista que nos jogos elas podem sempre modificar o nível do jogo, para que assim, consigam ganhar. Como reforçado por Gueller (2017) quando relata que, “Os avanços tecnológicos nos deixam cada vez mais ansiosos e inquietos e menos tolerantes a erros: “droga, esse celular travou!” E a vontade de que dá é de jogá-lo pela parede. (GUELLER, 2017, p. 65).

Com a necessidade de ter as respostas no tempo em que desejam, as crianças se veem de frente com a frustração, quando seus desejos não são alcançados. Mesmo nos jogos ou na vida real, nem sempre podemos ganhar e não será sempre que tudo seguirá a lógica e a maneira que nós queremos que elas ocorram. O ato de esperar se tornou um oponente na vida cotidiana, nos tornamos pessoas que anseiam pela agilidade e praticidade, e o esperar, se torna cada vez mais um incômodo nas nossas vidas. As tecnologias têm forte impacto nessa nova maneira que enxergamos o mundo, pois, é tudo muito prático no celular, no computador e nas telas como um todo. Esperar hoje não é algo aceitável, como menciona Dunker (2017) “A criação de um dispositivo de ocupação total, sempre disponível, tornou as situações de espera situações de ocupação. (DUNKER, 2017, p.125).

Percebemos que esse imediatismo e a dificuldade em aprender a esperar, também está em momentos que deveriam ser considerados de lazer e de aproximação social. Como, por exemplo, quando os pais levam as crianças para um passeio e durante o caminho percorrido para que a não chore e incomode os pais, são oferecidos a elas, os celulares ou tablets. A professora III destaca isso como um ponto negativo, quando aponta que, *“muitas vezes a criança tem aquele acesso para dar sossego para família, estão em frente ao celular para poder parar de chorar ou para poder dar tempo de a mãe fazer alguma coisa, então eu vejo que esse é o ponto negativo.”* (PROFESSORA III). Contudo, é um momento que poderia ter uma rica troca de experiências, em que os adultos poderiam proporcionar às crianças aprendizados, se torna um conjunto de vazios conectados em suas próprias telas.

As crianças não experimentam o passar do tempo e não conseguem identificar o tempo necessário que elas precisam esperar para chegar até o local do passeio, pois, por estarem tão fixadas nas telas, não observam a paisagem e não percebem o tempo que foi gasto. Tendo em vista que, com a concentração nas telas, o tempo para a criança passa rápido, e novamente, elas não conseguem compreender que as coisas não seguem o tempo delas.

Esse imediatismo não está apenas relacionado com o tempo e com a vontade que tudo seja feito do modo com a criança gostaria. O uso excessivo das telas também leva as crianças acreditarem que o outro está sempre pronto para atender as necessidades delas, no tempo delas. Trazendo nesse sentido o outro como um objeto de realização dos desejos e vontades da criança, alimentando a ideia de que os pais, avós, tios ou qualquer outra pessoa que esteja ali com ela, estão sempre disponíveis para realizar o que elas desejam.

Dunker (2017) reforça sobre isso:

Criança entre zero e dois anos, expostas a tablets, desenvolvem uma ligação extrema com a presença do outro, representado pela oferta de imagens atraentes e estimulação auditiva ou sensorial, adaptada às demandas da criança. Esta espécie de chupeta eletrônica não apenas traz prejuízos para a formação do sistema visomotor ou da atenção, mas introduz uma novidade intersubjetiva, a crença de que o outro está sempre disponível. (DUNKER, 2017, p.125).

Essa dificuldade de lidar com a frustração de ter que esperar pelo tempo do outro e não ver as suas vontades sendo feitas no tempo que elas desejam, faz com que as crianças se tornem mais agressivas e intolerantes à frustração. Diferente do que acontece nas telas dos eletrônicos, na vida real, as crianças não têm a opção de sair do jogo, mudar de tela ou trocar vídeo. No real, elas precisam lidar com o ato de esperar, no entanto, a forma que elas desenvolvem para lidar com essa frustração, nem sempre é algo saudável. A professora II e IV aponta que, quando não atendidas, as crianças apresentam comportamentos agressivos, *“Mas tem o lado negativo, se fica só na internet, só no telefone, fica agressivo, fica nervoso, fica irritado, eu mesma esse ano tenho um aluno lá na escola que a mãe dele é funcionária, ele quer estudar com celular dentro da sala de aula” (PROFESSORA II).*

Nos jogos, quando não atendidas, as crianças também apresentam comportamentos agressivos, devido ao sentimento de frustração por não conseguir chegar ao objetivo do jogo. No entanto, sabemos que alguns jogos, facilitam os comandos para que os jogadores tenham a sensação que foram eles que resolveram os problemas e assim, consigam vencer a partida ou passar aquela fase difícil do jogo. Jerusalinsky (2017) aborda esse fato quando aponta que, "Esse Outro" oculto, precisa ser rápido, resolver tudo no tempo de um suspiro, para que o operador humano possa continuar a acreditar ser ele mesmo quem resolveu o problema. ” (JERUSALINSKY, 2017, p. 59).

Contudo, esses mecanismos estão na verdade, desenvolvendo nas crianças a falsa

sensação de controle, a sensação de que elas detêm o poder do jogo. Um dificultador disso, é que por serem pequenas, as crianças não conseguem diferenciar o real do virtual, transferindo assim, para as pessoas a sua volta a responsabilidade de facilitarem para elas quando se encontram frente a um desafio.

A frustração é necessária ao desenvolvimento humano, pois quando os pais entregam aos filhos os celulares e tablets para que eles parem de fazer birra, eles estão ensinando que, caso suas vontades não sejam atendidas, basta que eles se joguem, chorem ou fiquem sem comer que então seus desejos serão atendidos. No entanto, essa falta de limite estabelecida pelos pais tem forte impacto na forma como as crianças vão agir e lidar com o mundo à sua volta. Essa responsabilidade que é direcionada aos pais é reforçada pela Professora I, quando ela aponta que:

Então acho que o pai tem grande influência, muita das vezes exagerada, uns que eu sei que.... Impõem regras, limites de horário, e isso é muito bom quando tem essa regra, esse horário para mexer talvez no tablet, para a televisão, é... Mas também têm pais que não têm outra forma de talvez usar do tempo para ele fazer a coisa dele e então eles vão mesmo fazer uso dessas telas. (PROFESSORA I).

Podemos ver então, que os pais têm forte impacto na forma como a criança vai aprender a lidar e utilizar as novas tecnologias, tendo em vista que são eles os responsáveis por colocarem limites no uso dos aparelhos e auxiliarem as crianças no seu desenvolvimento, para que as mesmas, aprendam a lidar com os limites e com as frustrações que nos são impostos diariamente.

4.5. Capacidade simbólica e o brincar

Para Friedmann (2014), por meio da linguagem os seres humanos se comunicam e se expressam. O ser humano tem a capacidade de se expressar além da linguagem verbal, utilizando de símbolos e da linguagem corporal. Quando a criança nasce e não consegue ainda utilizar a linguagem verbal, ela desenvolve outros modos de interação com o mundo e com as pessoas que a cerca, como aponta Martins e Luz (2012):

Nesta fase há um significativo desenvolvimento na diferenciação entre ela e o mundo. A criança desenvolve um proto-eu, e circula pelo átomo social com uma frágil distinção entre ela e os outros membros da família. Reconhece pessoas familiares e interage com sorrisos e movimentos corporais. (MARTINS e LUZ, 2012, p. 138).

A partir do momento em que a criança começa a se diferenciar do mundo que a cerca, e começa a se reconhecer como um indivíduo separado do outro. Ela começará a diferenciar realidade interna e externa. Esse processo de separação é muito importante para a criança, pois vai ser a partir dele que a criança vai conseguir identificar as diferenças das relações sociais, seus limites e possibilidades. De acordo com Martins e Luz (2012) “Nesta fase é fundamental que os cuidadores da criança, especialmente os pais, apresentem as regras sociais, que desencadeiam sentimento de frustração na criança. (MARTINS e LUZ, 2012, p. 138). Para que assim, a criança consiga lidar com as dificuldades que vão surgindo ao longo de sua vida.

Uma outra forma da criança conseguir lidar com regras e limitações e aprender a exercitar o seu imaginário, é por meio da brincadeira. A criança inicia o seu processo de brincar por meio da imitação, ela repete o comportamento que é exercido pelos adultos no meio no qual ela está inserida, esse vai ser um processo que estará ligado às relações sociais e ao processo de interação que a criança está estabelecendo com o mundo. Como aponta Vygotsky (1991), “A experiência social exerce seu papel através do processo de imitação; quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e manipula objetos, ela está dominando o verdadeiro princípio envolvido numa atividade particular. (VYGOTSKY, 1991, p. 18).

Percebe-se a partir do relato das professoras entrevistadas, que mesmo que as crianças façam o uso, em alguns casos em excesso, das novas tecnologias, quando elas brincam, é possível observar que a capacidade simbólica das crianças se manifesta. O que nos impossibilita afirmar que as crianças perdem ou mantêm completamente a capacidade simbólica quando fazem o uso das tecnologias, mesmo que em excesso. Em algumas brincadeiras o tecnológico aparece, o que ressalta a capacidade das crianças de internalizar a realidade através das suas brincadeiras. Como mencionado pela professora I, *“A gente vê a criança pegar, por exemplo, a garrafinha de água e falar “ alô, mamãe, vem buscar na escola”, então aparecem elementos digitais, no caso, fazer de conta que garrafa é um telefone, mas nesses momentos eu percebo os usos das tecnologias. ” (PROFESSORA I).*

O contexto histórico cultural em que a criança nasce interfere significativamente na forma na qual ela irá interagir com o mundo, afetando assim as suas brincadeiras, suas vivências e suas relações. As crianças criam e se desenvolvem a partir de experiências ofertadas pela família, escola e sociedade/cultura como um todo. É possível perceber a diferença de

comportamentos entre as crianças hoje e há treze anos atrás no relato da professora III, quando questionada se era possível ver diferença de comportamento entre alunos hoje e há tempos atrás:

Na hora do faz de conta, na hora do brincar é que você mais percebe, porque tem o Lego, por exemplo, eles fazem o Lego de celular, eles fazem o Lego de tablet, de notebook, então às vezes o pai tem aquele trabalho que precisa. Então tem outras crianças que você percebe que eles nem sabem o que é aquilo porque não tem aquele contato em casa, então realmente no brincar, no faz de conta é que você mais vê diferença nessa socialização com os meios tecnológicos. (PROFESSORA III)

Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 45), a cultura muda, ela é influenciada por outras culturas e assim, influencia as pessoas. Hoje vivemos uma cultura de tecnologia, e conseqüentemente, as crianças vivenciam em suas brincadeiras esse mundo. O contexto sócio-histórico cultural em que vivemos hoje é um contexto tecnológico, como aponta Paiva e Costa (2015):

As crianças do século XXI nasceram em período no qual a tecnologia é o alicerce da manutenção das relações sociais, por conseguinte, torna-se quase uma tarefa impossível viver sem ela, pois, as crianças antes mesmas de serem alfabetizadas aprendem a utilizar a maioria dos recursos disponíveis pelos aparelhos eletrônicos de forma aleatória sem haver objetivo específico, essa condição provoca dificuldades no processo de aprendizagem desse contingente no âmbito escolar. (PAIVA; COSTA, 2015, p.2).

Assim, não é possível retirá-las do acesso às tecnologias, contudo, é importante que se faça com supervisão dos responsáveis, como ressalta a professora III “*eu vejo mais as desvantagens pela falta de monitoramento do adulto.*”, o excesso pode ser prejudicial para a construção dos laços sociais afetando assim os processos de interação social. Outro aspecto importante que foi levantado pelas professoras é que, elas - as crianças- ainda brincam entre si, mesmo que façam a alusão ao tecnológico, elas interagem entre elas. Como relata a professora I, sobre o momento do intervalo:

No recreio, então a gente percebe que nesses momentos as brincadeiras são desse tipo ... de correr, de pega pega, e então nós começamos a ver essas brincadeiras que não são nada digitais, que são um velotrol, corrida... apostar corrida né, tem casinhas, tem escorregador, aí a gente percebe um grupo de crianças vai para a casinha, outro brincam de comidinha, então a gente percebe que não são brincadeira tão digitais. (PROFESSORA I)

Podemos perceber que através da fala a criança começa a controlar o ambiente em que está inserida e organiza seus pensamentos (Vygotsky, 1991). As brincadeiras possibilitam às

crianças a oportunidade de estarem em contato com o outro, e conseguirem desenvolver suas habilidades sociais e psíquicas. No entanto, por meio da utilização dos jogos nos aparelhos eletrônicos, é notável que as crianças conseguem melhorar o desenvolvimento do seu raciocínio lógico. Como menciona a professora III:

Um raciocínio lógico talvez melhor em relação aos joguinhos, porque quando eles têm aqueles... aquelas crianças que estão no celular com os joguinhos, eles têm uma facilidade muito maior com os Legos, por exemplo, em sala de aula mesmo na brincadeira você vê o equilíbrio. O que eles fazem no celular, eles tentam fazer com o brincar, com os brinquedos dentro de sala equilibrando. (PROFESSORA III)

O eletrônico pode talvez melhorar ou desenvolver nas crianças habilidades, tais como o raciocínio lógico, contudo, é perceptível que o uso em excesso pode ter impactos na socialização das crianças, tendo em vista que é na interação, no brincar, no tocar e no estar com o outro que a criança desenvolve suas principais habilidades, como a socialização que é fundamental ao humano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como questão norteadora os possíveis impactos que as novas tecnologias podem causar no processo de socialização das crianças pequenas, é possível afirmar que a socialização é parte importante na construção da personalidade das crianças. Estar em meio a seus pares, brincando e interagindo, permite às crianças estabelecerem relações que são fundamentais para o seu desenvolvimento social e cognitivo, como também, para sua constituição psíquica. Chegamos aos resultados obtidos por meio de pesquisas teóricas e entrevistas realizadas com professores que atuam diretamente com as crianças da educação infantil.

Ficou evidenciado ao longo da pesquisa que a dinâmica familiar está diretamente ligada ao uso excessivo que as crianças fazem das tecnologias, o que por vezes desenvolve uma dependência tecnológica tanto por parte das crianças como por parte dos adultos. Devido a isso, a troca de experiências entre pais e filhos se torna cada vez menor, já que ambos estão passando a maior parte do tempo interagindo apenas com as telas. Esse comportamento reforça o poder que as telas têm sobre as pessoas, sobretudo nas crianças pequenas que estão se desenvolvendo em meio a um mundo extremamente tecnológico e sem limites.

Foi possível perceber que o uso abusivo também vai impactar no desenvolvimento da habilidade de concentração e interação, já que foi observado e apontado pelas professoras o prejuízo que vem se manifestando no dia a dia da sala de aula. O que reforça que mesmo que as crianças estabeleçam uma interação com os aparelhos eletrônicos, essa interação não substitui o contato físico que essas crianças precisam estabelecer com outros seres humanos. Já que conversar, interagir e brincar se torna fundamental nesse processo de desenvolvimento.

Em decorrência desta falta de interação com o meio, nos possibilitou comprovar que as crianças acabam entrando no mundo da tecnologia e no imediatismo, já que elas não conseguem lidar com a frustração de não conseguirem realizar determinada atividade. Isso ocorre, pois no mundo tecnológico é mais fácil para a criança conseguir o que se quer, diferente da interação humana que requer mais paciência, pois quando interagimos com o outro dependemos das suas vontades e escolhas também. Esse comportamento nos remete novamente à responsabilidade que os pais têm frente à educação das crianças. A forma como a criança vai aprender a lidar e utilizar as novas tecnologias, está ligada à maneira como os responsáveis colocam limites neste uso. Se faz necessário, auxiliar as crianças no seu desenvolvimento, para que as mesmas, lidem com os limites e com as frustrações que são impostas diariamente.

A pesquisa permitiu demonstrar como o contexto histórico cultural em que as crianças estão inseridas interfere significativamente na maneira em que as mesmas vão estabelecer relações com o mundo que a cercam, fazendo com que as tecnologias estejam presentes nas brincadeiras das crianças. É impossível querer que as crianças de hoje não tenham nenhum tipo de contato com as novas tecnologias, já que elas nasceram inseridas neste mundo digital e contam com a contribuição dos seus pais que estão a todo momento utilizando os aparelhos eletrônicos. É evidente que os aparelhos eletrônicos podem melhorar ou desenvolver, nas crianças, habilidades de raciocínio lógico, no entanto, é importante que fiquemos atentos, já que o uso em excesso pode ter impactos diretos na socialização das crianças, como apontado ao longo da pesquisa. Conforme demonstrado vai ser na interação, no brincar, no tocar e no estar com o outro que a criança desenvolverá suas principais habilidades, e isso vai incluir a socialização que é fundamental ao ser humano.

Em virtude aos dados apresentados, consideramos que a pesquisa realizada foi de grande importância, pois a partir dos expostos temos a consciência de que há consequências pelo uso abusivo das novas tecnologias na socialização das crianças, e em outras habilidades cognitivas.

Salientamos a importância da ampliação de pesquisas nesta temática, dado que, além deste ser um tema atual, há certa escassez de material teórico e científico sobre os impactos das novas tecnologias nas crianças. Assim sendo, este estudo compreende a necessidade de pesquisar mais profundamente a temática, em razão deste ser um aspecto da atual sociedade e que requer mais estudos.

6. PARTICIPANTES

Natália Cristina Correa Carvalho

Thamires Aparecida Rodrigues Saraiva

Jane Moreira Azevedo

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

BARDIN L. L'Analyse de contenu. Editora: Presses Universitaires de France, 1977. **Análise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.

BORSA, J.C. **O papel da escola no processo de socialização infantil**. Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em < <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf> > Acesso em: 29 maio 2020.

BRASIL. Lei nº 8069/90, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Jusbrasil**, [S. l.], 14 jul. 1990. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CHAMBOULEYRON, R. Jesuítas e as crianças no Brasil Quinhentista. *In*: DEL PRIORE, M. **História social da infância no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 2 p. 31-46.

Danker, C. I. L. Intoxicação digital infantil. *In*: JERUSALINSKY, J. **Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Álgama, 2017. Cap. 8. p. 117-145.

DEL PRIORE, M. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. *In:* DEL PRIORE, M. **História social da infância no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2003 Cap. 3 p.47-58.

FRIEDMANN, A. **O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância**. 2014. Nepsid

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2010.

GÓES, J. R. FLORENTINO, M. Crianças escravas, crianças dos escravos. *In:* DEL PRIORE, M. **História social da infância no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 6 p. 96-104.

GUELLER, A. S. Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos. *In:* JERUSALINSKY, J. **Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Álgama, 2017. Cap. 4. p. 63-77.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Uso de internet, televisão e celular no Brasil. [s.n.] 2018. Disponível em <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>>. Acesso em 10 dez. 2020

JERUSALINSKY, A. Homo Web: O fascínio da lógica eletrônica. *In:* JERUSALINSKY, J. **Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Álgama, 2017. Cap. 3. p. 56-62.

JERUSALINSKY, J. Que rede nos sustenta no balanço da web? - O sujeito na era das relações virtuais. *In:* JERUSALINSKY, J. **Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Álgama, 2017 Cap. 1 p. 13- 38.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Ana da Fonseca; LUZ, Iza Rodrigues da. Um diálogo sobre a construção da capacidade simbólica do ser humano a partir das teorias de Moreno e Winnicott. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 20, n. 1, 14 jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100010. Acesso em: 12 mar. 2020.

MAUAD, A M. A vida das crianças de elite durante o Império. *In:* DEL PRIORE, M. **História social da infância no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 5 p.74- 95.

PAIVA, Natália Moraes; COSTA, Johnatan da Silva. A Influência da Tecnologia na Infância: Desenvolvimento ou Ameaça? **O portal do Psicólogo**, <https://www.psicologia.pt/>. 2 jan. 2015. Disponível em: < <ps://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf> >. Acesso em: 13 fev. 2020.

PINTO, A. Marcianinha. **As novas tecnologias e a educação**. *In:* V Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2004, Curitiba. Anais do V seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Curitiba: Editora da PUC, 2004. V.1º. 1-7.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, M. A. C. Criança e criminalidade no início do século XX. *In*: DEL PRIORE, M. **História social da infância no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 8 p.117- 128.
Taille, Y; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão. Editora Summus. 28º Ed. São Paulo. 2019.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003, p. 15.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

8. APÊNDICES

8.1. Termo de consentimento livre e esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N. ° Registro CEP

Título do Projeto: Os impactos do uso abusivo das novas tecnologias na socialização das crianças

1 – Introdução

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: Os impactos do uso abusivo das novas tecnologias na socialização das crianças. Se decidir participar dela, é importante que leia e/ou escute estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa.

Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisa ou com o pesquisador.

É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido, por escrito.

2 – Objetivo

Averiguar os impactos das novas tecnologias na socialização da criança pequena.

3 – Procedimento do Estudo

Se concordar em participar desta pesquisa, você participará de entrevistas e seu nome será preservado durante toda a etapa da pesquisa, inclusive na publicação.

4 – Riscos e desconfortos

A pesquisa não oferece riscos identificáveis.

5 – Benefícios

Os resultados deste estudo poderão ou não trazer benefícios diretos a você, mas as informações obtidas poderão ser relevantes para o aprimoramento da análise de dados sobre o uso abusivo das novas tecnologias na socialização de crianças pequenas.

6 - Custos/Reembolso

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo, mas também não receberá

pagamento pela sua participação.

7 - Caráter Confidencial dos Registros

Você não será identificado quando o material for utilizado, seja para a análise de conteúdo das entrevistas ou para propósitos de publicação científica ou educativa. Ao assinar este consentimento informado, você autoriza sua participação como entrevistado e colaborador da pesquisa.

8 – Participação

Sua participação nesta pesquisa consistirá em entrevistas a serem realizadas pelo pesquisador. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, deverá notificar ao pesquisador. A recusa em participar ou a saída do estudo não lhe causará nenhuma espécie de prejuízo.

9 - Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone dos pesquisadores, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Caso você venha a sofrer algum dano relacionado ao estudo, ou tenha mais perguntas sobre o mesmo, por favor, ligue para Natália Cristina Corrêa Carvalho; telefone (31) 9 8952-7590 ou Thamires Aparecida Saraiva Rodrigues; telefone (31) 9 9358-9205.

10 - Declaração de consentimento

Li, ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que fui informado sobre os métodos da pesquisa.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também, que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas, para participar deste estudo.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do participante

Atesto que expliquei, cuidadosamente, a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante e/ou seu representante autorizado. Acredito que o participante e/ou seu representante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ele/ela compreendeu essa explicação.

_____ Data ____/____/____

Natália Cristina Correa Carvalho - CPF: 020. 646.146-13

_____ Data ____/____/____

Thamires Aparecida Saraiva Rodrigues - 020.116.816-26

8.2. Roteiro de Entrevista

- 1) Nome completo
- 2) Formação
- 3) Idade
- 4) Quanto tempo de trabalho na educação infantil
- 5) Faixa etária das crianças da turma que leciona:
- 6) Como você percebe a influência das novas tecnologias na socialização das crianças?

- 7) É possível ver diferença de comportamento entre alunos hoje e há 5 anos atrás?
- 8) Quais as vantagens e desvantagens que você nota quanto a utilização das tecnologias pelas crianças?
- 9) Os alunos costumam utilizar os aparelhos eletrônicos em sala de aula? Quais técnicas utilizam para evitar isso?
- 10) No período do recreio, como você percebe a socialização das crianças?
- 11) Em momentos de festas na escola, com a presença dos familiares e, conseqüentemente, dos aparelhos eletrônicos, é possível perceber diferença na socialização das crianças?
- 12) Em sua opinião, qual a influência dos pais no uso abusivo das novas tecnologias pelas crianças?
- 13) Qual sua opinião sobre a exposição às novas tecnologias?